

## 5

### Considerações finais

As conclusões deste trabalho foram consoantes com a experiência clínica da pesquisadora atendendo famílias com problemas relacionados ao abuso de substâncias e corroboraram a literatura a respeito do tema. Entretanto, longe de apenas confirmar uma impressão clínica, este estudo possibilitou o aprofundamento teórico sobre o tema da masculinidade e da paternidade, além do entendimento da complexidade da questão por meio do trabalho de campo. A investigação de campo mostrou-nos as inúmeras variáveis presentes no relacionamento do adicto com o pai e com a sua família, de modo mais amplo.

Salientamos que, em nosso estudo, abordamos o relacionamento do adicto com os pais na infância, na adolescência e no momento atual. Assim sendo, buscamos analisar o relacionamento familiar panoramicamente, sem nos restringirmos ao período da crise deflagrada pelo abuso de drogas.

Discutimos a importância do papel primordial do pai como um primeiro limite à onipotência infantil, colocando-se entre a mãe e o bebê. O pai, sendo o primeiro outro na vida de um filho - já que o bebê está, inicialmente, indiferenciado da mãe - apresenta a questão da alteridade, da diferença, fazendo um contraponto à simbiose mãe-filho.

O entendimento do papel do pai como primeiro limite na formação do indivíduo foi fundamental para a compreensão da sua importância na família do adicto, na qual observamos dificuldades no estabelecimento de limites. Impor limites na educação não é uma atribuição apenas paterna; porém, o pai, por sua posição diferenciada, pode atuar como contra-peso na relação entre a mãe e o filho.

Exploramos os desafios concernentes à masculinidade e, conseqüentemente, à paternidade. Nossa sociedade ainda cultua o mito do instinto materno, acreditando na habilidade intrínseca da mãe para cuidar dos filhos. Embora tenha crescido o debate em torno da nova paternidade e os pais estejam cada vez mais atuantes no cuidado aos filhos, a responsabilidade, na grande maioria das vezes, ainda é da mãe, sendo o pai visto como um "ajudante".

As dificuldades no desenvolvimento da masculinidade estão relacionadas à ausência do pai como referência e apoio nesse processo. O menino é socialmente estimulado a "sair da barra da mãe" e se depara, muitas vezes, com um vácuo, pois o pai não está emocionalmente presente para facilitar essa transição, tornando-a afetiva e segura.

Constatamos que o lugar do pai na família adictiva pode ser ocupado de diversas maneiras, por pais com diferentes perfis. Porém, embora os pais ocupem os seus lugares com estilos diferentes, a resultante foi similar: relacionamentos pouco íntimos e o exercício frágil da autoridade paterna. Todos os entrevistados conheceram e conviveram com os seus pais; não se trata, portanto, do velho clichê do "pai ausente", no sentido físico.

A questão que norteou o trabalho não foi verificar se o pai está presente ou não, mas como ele ocupa o seu lugar. Concluímos que a forma como os pais ocupavam os seus lugares, pela descrição dos sujeitos, acabava tornando-os ausentes, não fisicamente, mas pela proximidade afetiva e efetiva que deixavam de ter com o seu filho. Por outro lado, esses pais estavam muito presentes na história dos entrevistados, influenciando o desenvolvimento da sua identidade, mesmo que dolorosamente.

A partir de aspectos comuns que foram destacados no relato dos sujeitos, delineamos quatro perfis de pais, em nossa pesquisa: autoritário, omissivo, "amigo" e dependente de álcool e/ou outras drogas. Cada perfil está correlacionado a um estilo de paternidade, influenciando a forma como o lugar do pai vai ser ocupado naquela família.

O lugar do pai autoritário é ocupado de forma rígida, sem espaço para o diálogo. Esses pais foram descritos como inflexíveis e impunham-se por meio de agressões físicas, utilizadas como punição. Percebemos que esse estilo de paternidade é gerador de medo e revolta, impedindo o desenvolvimento de uma relação íntima. O pai rígido dificulta a individualização, contribuindo para a dependência do adicto em relação à família.

Diferentemente do pai autoritário, que ocupa o seu lugar "na marra", o pai omissivo ocupa o seu lugar destacando-se pela sua posição não participativa. Ele, muitas vezes, está presente como se fosse invisível, sem estar emocionalmente engajado na rotina familiar. Os entrevistados que reclamaram da omissão dos seus pais expressaram o quanto é difícil vivenciar essa carência.

O pai que se posiciona como "amigo", por sua vez, coloca-se no mesmo nível hierárquico do filho, como se ambos pertencessem à mesma geração. O adicto, nesse caso, ao invés de um pai, como referência, tem um colega a mais para se divertir. Um dos entrevistados, por exemplo, revelou ter fumado maconha junto com o pai. O pai "amigo" é omissos ao deixar de atuar como educador, limitando-se à função recreativa.

Sublinhamos o número alto de pais retratados como usuários ou dependentes de álcool/drogas: quatro em dez entrevistas. O surgimento da dependência de álcool/drogas em vários membros de uma mesma família, ao longo das gerações, é descrito na literatura e, por isso, esse número não chega a surpreender. O pai adicto ocupa o seu lugar de forma instável, devido ao seu freqüente entorpecimento, e é também um pai omissos.

Esses quatro estilos de paternidade, construídos a partir da fala dos sujeitos, de maneiras bem diversas, dificultam que o pai ocupe um lugar próximo do filho, no sentido da intimidade e não da proximidade geográfica. Tanto o pai autoritário, quanto o omissos, como o "amigo" e também o adicto, foram descritos pelos entrevistados como pouco íntimos e sem autoridade.

Os entrevistados, em sua grande maioria, enfrentaram dificuldades no desenvolvimento da sua identidade masculina. A tendência percebida na pesquisa foi de idealização ou depreciação do pai. Os sujeitos, na maioria das vezes, diziam querer ser como o pai ou em nada igual a ele. Evidencia-se, nos dois casos, o desafio do descolamento da imagem do pai. A posição do pai pareceu não promover a autonomia dos entrevistados.

Verificamos, em todas as entrevistas, a estreita relação emocional dos entrevistados com as suas famílias, ainda que o afeto tenha, muitas vezes, uma conotação negativa, principalmente quando vinculado ao pai. Nossos dados corroboram a visão de estudiosos do tema sobre a dependência emocional do adicto em relação a sua família. O adicto, paradoxalmente, torna-se mais dependente da sua família com o seu problema e, ao mesmo tempo, parece mostrar o seu desejo de se diferenciar, agindo em oposição à expectativa dos seus pais.

A dificuldade no estabelecimento de limites por parte dos pais apareceu em todas as entrevistas. Enquanto uns não frustravam os filhos, dizendo sempre sim, outros eram extremamente rígidos, favorecendo a transgressão. O tema dos

limites é importante na discussão deste trabalho na medida em que a adicção leva à quebra de vários limites: do próprio corpo; da família e até da sociedade, já que o adicto freqüentemente descumpra as regras sociais.

Abordamos, ao longo do trabalho, a questão dos estereótipos sexuais e a sua influência no estilo parental. O gênero feminino foi associado, em nossa pesquisa, principalmente à maternidade e à afetividade; enquanto isso, o gênero masculino foi associado a características relacionadas à liderança, força e perseverança. Percebemos, em diversos momentos, a contradição entre um discurso igualitário do tipo: "homens e mulheres são iguais" e posições extremamente conservadoras, demarcando uma linha nítida entre o papel do homem e da mulher.

A visão mais tradicional sobre os papéis sexuais naturaliza um lugar do pai mais periférico, evidenciado na fala dos sujeitos. Sobressaiu a percepção do lugar materno como soberano e do lugar paterno como, principalmente, de provimento financeiro. A mãe foi descrita de forma idealizada e bem mais valorizada do que o pai. Tal perspectiva favorece a manutenção do *status quo*, já que não é reivindicado um realinhamento desses lugares, como se pais e mães fossem sempre dessa forma, complementares e opostos.

Percebemos o casal parental, de acordo com a fala dos entrevistados, tendo conduzido a educação de maneira fragmentada, coerente com o modelo de família mais tradicional. Mãe e pai cuidavam, cada um, da sua área de atuação, sem interferir na do outro e sem negociarem entre si. Por exemplo: o pai olhava o boletim e a mãe ajudava a estudar. Os filhos não pareciam perceber a educação que receberam como uma resultante da parceria dos pais, como se a criação fosse compartimentalizada.

Uma conseqüência da divisão rígida de atribuições do pai e da mãe em relação à educação é a manipulação por parte dos filhos, que "jogam" com a desinformação de um dos pais em relação ao campo de atuação do outro. Os entrevistados descreveram situações em que, ao obterem um não do pai, conseguiam o que queriam com a mãe, que não tinha consultado o pai a respeito do assunto. A frágil parceria entre os pais também facilita com que um seja visto como "anjo" e o outro como "demônio".

O lugar do pai na família adictiva não foi analisado isoladamente, mas em um contexto relacional e dinâmico, que inclui os outros membros da família. O

lugar do pai, da mãe e do filho estão estreitamente ligados; a mudança no posicionamento de cada vértice desse triângulo gera um impacto nos outros.

O lugar da mãe, quando inflado - conforme observado neste estudo - contribui para o distanciamento paterno em relação ao dia-a-dia no cuidado dos filhos. A mãe, muitas vezes, coloca-se como um obstáculo para que o pai possa ser mais próximo. Diversos fatores podem influenciar essa postura: divórcio mal resolvido; crenças arraigadas sobre o papel do pai como pouco importante; abdicação da vida pessoal em função dos filhos, etc. Uma variável importante é o ganho da mãe em termos de poder quando o lugar do pai é desqualificado. Muitos entrevistados descreveram a mãe como sendo "tudo" nas suas vidas.

Além da mãe, os avós são muito importantes na compreensão do lugar do pai. Um número alto de entrevistados (quatro em dez) referiu-se a avós que ocupam um lugar parental. Esses avós, ao agirem como pais, tentando, muitas vezes, cobrir a sua falta, acabam acirrando o problema. A excessiva interferência dos avós, constatada em nossa pesquisa, contribui para a acomodação de toda a família em relação a um lugar do pai mais distanciado. Além disso, os avós tendem a ter mais dificuldades em relação ao estabelecimento de limites, podendo, inclusive, direta ou indiretamente, desautorizar o pai.

O relato dos entrevistados remeteu-nos à questão da ausência de fronteiras demarcando os lugares dos membros dessas famílias. Avós ocupam o lugar dos pais, pais posicionam-se como filhos e estes podem ocupar o lugar de maior poder na casa, controlando todos à sua volta. Tal emaranhamento familiar dificulta o desenvolvimento da individualidade do adicto, e também dos outros membros da família. Entretanto, o adicto é visto como o bode expiatório da família, embora todo o sistema familiar enfrente dificuldades para se adaptar à passagem do tempo e à crescente necessidade de autonomia dos seus membros.

Verificamos, através da fala dos sujeitos, padrões relacionais estereotipados, determinando uma dinâmica familiar rígida. Os lugares de ambos os pais são sempre ocupados da mesma forma, por exemplo: o pai é sempre distante e a mãe é onipresente. Percebemos também a formação de alianças cristalizadas entre membros da família de gerações diferentes, como entre a mãe e filho. O pai, ao se posicionar periféricamente, fomenta a simbiose mãe-filho que, por sua vez, retroalimenta o distanciamento paterno. A funcionalidade familiar exige flexibilidade. Acreditamos que mães e pais, como os retratados na pesquisa,

deveriam equilibrar mais os seus papéis, reduzindo a disparidade entre o lugar materno e paterno, construindo uma parceria.

Nenhum lugar na família é mais importante que os outros, porém, como nosso foco incidiu sobre o lugar do pai, abordamos, principalmente, as suas especificidades. Concluímos que o lugar do pai, pela ótica dos filhos entrevistados, é marcado pela pouca intimidade e pelos extremos da omissão ou autoritarismo. Não verificamos, no relato dos participantes da pesquisa, nenhum relacionamento com o pai onde houvesse um forte vínculo afetivo e, também, uma participação ativa na educação, através de limites e da transmissão de valores familiares. Os entrevistados demonstraram sentir a carência de um pai que ocupe o seu lugar como referência masculina. Esse lugar do pai favoreceria o desenvolvimento da autonomia e da singularidade, permitindo que o adicto não quisesse ser nem igual ao pai, nem totalmente diferente dele, mas "ele mesmo", a partir de semelhanças e diferenças em relação ao pai.

Não é fácil romper padrões relacionais familiares, já que esses são transmitidos pelas gerações anteriores, perpetuando-se nas gerações seguintes. O lugar do pai de hoje depende da experiência dele como filho. O seu parâmetro na ocupação do lugar paterno é o relacionamento que teve com o seu próprio pai, seja pela semelhança ou oposição a esse modelo.

Nossos achados mostram a importância do lugar do pai e corroboram dados da literatura sobre o posicionamento mais distanciado do pai em famílias adictivas. Extrapolando os contornos deste estudo, poderíamos refletir sobre a importância de um relacionamento pai-filho afetuoso e com limites na prevenção ao abuso de substâncias. Alguns estudos apontam a influência da qualidade do relacionamento familiar como fator de proteção ao uso de drogas. Pesquisas futuras poderiam investigar o lugar do pai através de entrevistas com toda a família, ampliando, dessa maneira, a abrangência dos nossos achados.

Finalmente, percebemos que a problemática adictiva pode gerar uma possibilidade de renovação das relações familiares, trazendo a oportunidade de mudança nos lugares ocupados por cada membro da família. A internação especializada, em muitos casos, levou os pais ao tratamento, permitindo a reflexão sobre questões familiares, muitas vezes ocultas, relacionadas não apenas ao adicto, mas a toda a família.